METRÓPOLE

## Iniciativa para criar a universidade nasceu nas páginas do 'Estadão'

Respostas de pessoas ligadas à educação em pesquisa feita pelo jornal nortearam projeto que deu origem à USP

Estrutura de ensino desconexa, onde as poucas universidades formavam apenas para o oficio, falta de preparação de docentes e inexistência da prática da ciência. Essa era parte do panorama da educação do Brasil em meados da década de 1920. O quadro inquietava o jornalista Julio de Mesquita Filho, o educador Fernando Azevedo, o engenheiro Armando de Salles Oliveira e outros intelectuais. Para eles a mudança sociopolítica do País só viria por meio da educação.

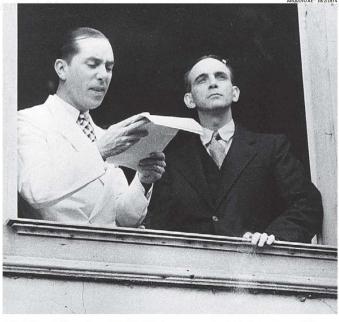
Para concretizar a mudança que idealizavam, era preciso consultar professores, cientistas e escritores. Com esse espírito, o jornal O Estado de S. Paulo iniciou em 1926 ums pesquisa sobre a situação da educação em São Paulo. A coordenação coube a Fernando de Azevedo, a pedido de Mesquita Filho.

"O principal problema com que lutamos, problema número 1, primacial do País, é, sem dúvida alguma, o do seu ensino superior", advertiu o jornalista, ao comentar as conclusões da série de entrevistas que o professor Fernando de Azevedo fez em 1926.

O inquérito, como era chamada a pesquisa na época, investigou todos os aspectos do ensino no Estado de São Paulo, o primário, secundário, profissionalizante e superior. Para fazê-lo, foi enviado um questionário para dezenas de pessoas envolvidas no ensino. Das 12 perguntas, 3 eram sobre o ensino superior. Elas pediam opinião sobre a "criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espírito universitário moderno" e de que forma uma universidade poderia se tornar uma "instituição orgânica e viva"

As respostas foram publicadas no jornal logo depois de recebidas, sob o título "A Instrucção Publica em S.Paulo". Foram 34 colunas entre junho e dezembro de 1926.

CRIAR, TRANSMITIR, DIVUL-GAR. A partir das respostas, a conclusão a que se chegou era de um ensino totalmente desconectado. A resposta do escritor Amadeu Amaral sintetiza aquela realidade.



Julio de Mesquita Filho e Armando de Sales Oliveira, que, com outros intelectuais, criaram a USP

Para ele, nas universidades havia "quase exclusivo domínio dos objetivos imediatos e aparentes: o exame, a formatura, a colocação, a carreira prática ou profissional. Corresponde ainda à concepção mais comum no Brasil acerca das funcões da escola; a primazia que se concede ao 'saber' (entendendo-se por 'saber' aquilo que um escritor estrangeiro definiu: 'uma pequena enciclopé-dia de conhecimentos inúteis'); ao desprezo a que se relega a 'cultura', que é assimilacão, conversão do aprendido em substância própria, formação do espírito, aumento de caacidade e de atividade espon-

Nada mais contrário ao projeto idealizado por Azevedo e Mesquita Filho de um sistema orgânico entre todos os níveis de ensino. Segundo Azevedo, em artigo publicado em 1954 no Estadão, a universidade deveria "elaborar ou criar a ciência, pela pesquisa, de transmiti-la, pelo ensino de alto nível, e de divulgá-la, por toda a espécie de meios".

PARCERIA. A colaboração entre Julio de Mesquita Filho (1892 - 1969) e Fernando Azevedo (1894 - 1974) começou em 1922 e foi fundamental para a criação da Universidade "O principal problema com que lutamos, problema número 1, primacial do País, é, sem dúvida alguma, o do seu ensino superior." Julio de Mesquita Filho Jornalista e diretor do Estadão', ao comentar pesquisa em 1926

de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que completam 90 anos. Azevedo, mineiro de São Gonçalo do Sapucaí, já escrevia na imprensa paulistana desde 1918. Em 1922, foi convidado, também por Mesquita Filho, a escrever sobre o centenário da Independência. Aproveitando o convite, sugeriu ao diretor do jornal uma matéria sobre Educação Física, tema ao qual ele se dedicava juntamente com o latim. Desde 1916, o educador ensinava Literatura e Língua Latina na Escola Normal de São Paulo.

No ano seguinte, também a

convite, entrou definitivamente para a redação do Estadão publicando todos os sábados uma coluna sobre crítica literária. Foi assim até 1926, quando deixou o posto para assumir o cargo de diretor-geral da Instrução Pública na capital federal. Lá fez uma revolução no ensino, instituindo, entre outras coisas, o acesso ao magistério somente por concurso, criação de estrutura física destinada à educação e valorização da Escola Normal para reforçar o magistério.

UNIVERSIDADE. Mesquita Filho pensava no projeto das universidades desde 1925, quando publicou o livro A Crise Nacional, no qual abordava as deficiências do ensino em todos os níveis. Sugeria reforma total do ensino superior. Em meio à Revolução de 1932, prisão e exílio, o jornalista fazia parte de uma comissão, formada pelo governo estadual, para preparar o projeto da futura universidade, com Fernando de Azevedo, Raul Briquet e Lúcio Rodrimes

Quando Armando de Salles Oliveira, seu cunhado e também diretor do Estadão, foi nomeado interventor do Estado (governador indicado), o jornalista voltou a integrar a comissão para a criação da USP, junto de Fernando de Azevedo, Almeida Júnior, Fonseca Telles, Raul Briquet, Anéf Dreyfus, Rocha Lima, Agelisan Bittencourt e Vicente Rao. Armando de Salles Oliveira publicou o decreto da criação da Universidade de São Paulo em 25 de janeiro de 1934.

MISSÃO ESTRANGEIRA. Escolhido coordenador da comissão de fundação da USP, Julio de Mesquita Filho, que não era professor nem funcionário do governo, encarregou o profes-sor Teodoro Ramos de buscar jovens talentos na Europa. E assim vieram Georges Dumas, contato de Teodoro Ramos na Europa, Claude Lévi-Strauss, Fernand Paul Braudel, Roger Bastide e Pierre Monbeig, numa equipe internacional que, além de franceses, incluía alemães, italianos e portugueses. Que ainda não eram grandes nomes ao desembarcar em São Paulo.

Julio de Mesquita Filho ajudou Teodoro Ramos a escolher os professores e lhe indicou Georges Dumas, da Sorbonne, seu conhecido havia
muitos anos, para coordenar a
seleção. Ficou amigo dos europeus quando chegaram a São
Paulo. Convidava-os a se reunir em sua casa e discutiam juntos os rumos da recém-criada
universidade.

O jornalista conversava principalmente com Georges Dumas, de quem ouviu o conselho de que, emvez de contratar medalhões, a USP fazia bemem trazer jovens de talento que pudessem também se beneficiar de sua experiência no Brasil. Seria o caso de Lévi-Strauss, que se tornaria um dos antropólogos mais influentes do mundo.

Aênfase na Faculdade de Fi-

losofia, Ciências e Letras tinha uma justificativa: os fundadores sabiam que ali seriam formados os professores para a execução da reforma do ensino. Dessa unidade sairiam os formadores ideais para um modelo de educação exemplar. O trabalho começaria pelo aperfeiçoamento do ensino médio. "É de capital importância para as nacionalidades a organização de um ensino secundário capaz de suscitar valores e capacidades em condições de constituir uma sólida elite dirigente", afirmou o jornalista no discurso de paraninfo da primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 25 de janeiro de 1937.

Júlio de Mesquita Filho voltaria a discursar como paraninfio de formandos da USP em
1945. Desta vez, substituindo
Armando de Salles Oliveira,
que havia morrido em maio daquele ano, fez um histórico das
diretrizes que nortearam a
criação da universidade. • POR

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSER JOHN
COPPRIGHT AND PROTECTED BY APACKABLE LAW